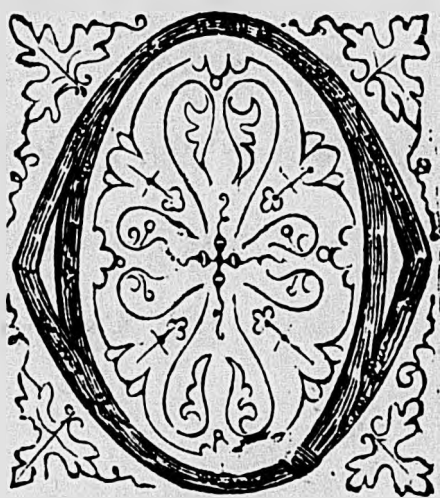




SEM OLHOS.



chá foi servido na saleta das palestras intimas ás quatro visitas do casal Vasconcellos. Eram estas o Sr. Bento Soares, sua esposa D. Maria do Ceo, o bacharel Antunes e o desembargador Cruz. A conversa, antes do chá, versava sobre a intima *soirée* do desembargador; quando o creado entrou, passaram a tratar da morte de um conhecido, depois das almas do outro mundo, de um conto de bruxas, finalmente do lubis-homem e das abusões dos indios.

— Pela minha parte, disse o Sr. Bento Soares, nunca pude comprehender como o espirito humano pode inventar tanta tolice e crer no invento. Vá que uma ou outra creança dê credito ás suas proprias illusões; para isso mesmo é que são creanças. Mas, que um homem feito...

— Que tem isso? observou o desembargador apresentando a chicara ao creado para lhe repetisse o chá; a vida do homem é uma serie de infancias, umas menos graciosas que as outras.

— Queres mais chá, Maria? perguntou a dona da casa á esposa de Bento Soares, que acabava de beber a ultima gota do seu.

— Não.

O bacharel Antunes apressou-se a receber a chicara de D. Maria do Ceo, com uma cortezia e graça, que lhe rendeu o mais doce dos sorrisos.

— Eu acompanho o desembargador, disse Bento Soares.

Em quanto o bacharel Antunes ampliava ao marido de Maria o obsequio que acabava de prestar a esta, com a mesma sollicitude, mas sem receber o mesmo nem outro sorriso, e passava ao creado a chicara vazia. Bento Soares proseguia em suas idéas acêrca das abusões humanas. Bento Soares estava profundamente convencido que o mundo todo tinha por limites os do districto em que elle morava, e que a especie humana apparecera na terra no primeiro dia de Abril de 1832, data de seu nascimento. Esta convicção diminuia ou antes eliminava certos phenomenos psicologicos e reduzia a historia do planeta e de seus habitantes a uma certidão de baptismo e varios acontecimentos locaes. Não havia para elle tempos pre-historicos, havia tempo pre-soaricos. D'ahi vinha que, não crendo elle em certas lendas e contos da carocha, mal podia comprehender que houvesse homem no mundo capaz de ter crido n'elles uma vez ao menos.

A conversa porem bifurcou-se; em quanto o desembargador referia a Bento Soares e ao dono da casa algumas noticias relativas a crenças populares antigas e modernas; as duas senhoras conversavam com o bacharel, sobre um ponto de *toilette*. Maria do Ceo era uma mulher bella, ainda que baixinha, ou talvez por isso mesmo, por quanto as feições eram consoantes á estatura; tinha uns olhos miudos e redondos, uma boquinha que o bacharel comparava a um botão de rosa, e um nariz que o poeta biblico só por hyperbole poderia comparar a torre de Galaad. A mão que essa sim era um lyrio dos valles, — *lilium convalium*, — parecia arrancada a alguma estatua, não de Venus, mas de seu filho; e eu peço perdão d'esta mistura de cousas sagradas com profanas, a que sou obrigado pela natureza mesma de Maria do Ceo. Quieta, podiam pol-a n'um altar; mas, se movia os olhos era pouco menos que um demonio. Tinha um geito peculiar de usar d'elles que enfeitiçou alguns annos antes a gravidade de Bento Soares, phenomeno que o bacharel Antunes achava o mais natural do mundo. Vestia nessa noite um vestido côr de perola, objecto da conversa entre o bacharel e as duas senhoras. Antunes, sem contestar que a cor de perola ia perfeitamente á esposa de Bento Soares, opinava que era geral acontecer o mesmo ás demais cores; donde se pode razoavelmente inferir que em seu parecer a porção mais bella de Maria não era o vestido, mas ella mesma.

Uma contestação, em voz mais alta, chamou a attenção d'elles para o grupo dos homens graves. Bento Soares dizia que o desembargador mofava da razão afiançando acreditar em almas do outro mundo; e o desembargador insistia em que a existencia dos fantasmas não era cousa

que absolutamente se pudesse negar.

— Mas, desembargador, isso é querer suppôr que somos uns beocios. Pois fantasmas...

— Não me dirá nada de novo, interrompeu Cruz; sei o que se pode dizer contra os fantasmas; não obstante, existem.

— Como as bexigas; tambem se diz muita cousa contra ellas.

— Fantasmas! exclamou Maria do Ceo. Pois ha quem tenha visto fantasmas?

— É o desembargador quem o diz observou Vasconcellos.

— Deveras?

— Nada menos.

— Na imaginação, disse o bacharel.

— Na realidade.

Os ouvintes sorriram; Maria fez um gesto de desdem.

— Se a entrada na Relação dá em resultado visões d'essa natureza, declaro que vou cortar as azas ás minhas ambições, observou o bacharel olhando para a esposa de Bento Soares, como a pedir-lhe approvação do dito.

— Os fantasmas são fructo do medo, disse esta sentenciosamente. Quem não tem medo não vê fantasmas.

— Você não tem medo? perguntou a dona da casa.

— Tanto como este leque.

— Sempre ha de ter algum, opinou Vasconcellos.

— Não tenho medo de nada nem de ninguem.

— Pode ser interveio o desembargador; mas se visse o que eu vi uma vez, estou certo de que ficaria apavorada.

— Alguma bruxa?

— O diabo?

— Um defunto á meia noite.

— Um duende?

Cruz empallidecera.

— Fallemos de outra cousa, disse elle.

Mas o auditorio tinha a curiosidade aguçada, e o proprio mysterio e recusa do desembargador faziam crescer o appetite. Os homens insistiram; as senhoras fizeram coro com elles. Cruz immolou-se ao suffragio universal.

— O que eu vi foi ha muitos annos, disse elle; ainda assim conservo a memoria fresca do que me aconteceu. Não sei se poderei ir até o fim; e desde já estou certo de que vou passar uma triste noite...

Uma risadinha de Maria do Ceo interrompeu o desembargador.

— Prepara o auditorio! disse ella. Vamos ver que a montanha dá á luz um ratinho.

Alguns sorriram; mas o desembargador estava serio e pallido. Bento Soares offereceu-lhe uma pitada de rapé, em quanto Vasconcellos accendia um charuto. Fez-se grande silencio; só se ouvia o *tic-tac* do rélogio e o movimento do leque de Maria do Ceo. O desembargador olhou para os interlocutores, como a ver se era possivel evitar a narração; mas a curiosidade estava tão pendente de todos os olhos, que era impossivel resistir.

— Vá lá, disse elle; contarei isto em duas palavras.

Quando eu estudava em S. Paulo raras vezes gozava as ferias todas na fazenda de meu pae; ia a Cantagallo passar algumas semanas e voltava logo para o Rio de Janeiro aonde me chamava o meu primeiro e ultimo namoro; paixão de quatro annos, que a Egreja consagrou e só a morte extinguiu. Nas ferias do terceiro anno fui morar no primeiro andar de uma casa da rua da Misericordia. No segundo morava um homem de quarenta annos que parecia ter mais de cincoenta, tão alquebrado e encanecido estava. Eramos os dois moradores unicos, salvo o meu pagem, que fazia o numero tres. O visinho de cima não tinha criado.

A primeira vez que o vi foi logo no dia seguinte da minha entrada na casa. Ao passar pelo corredor dei com elle na escada que ia do primeiro para o segundo andar; de pé com livro aberto nas mãos. Tinha um pé no quinto e outro no sexto degráo. Fiquei a olhar debaixo para elle, durante algum tempo; não o conhecendo entrei a suspeitar se seria algum ladrão. O pagem explicou-me que era o morador de cima.

Dois dias depois, estando eu á noite em casa, perto das onze horas a ler na minha sala, senti alguem bater-me á porta; fui abrir; era o visinho, que descera, com um livro na mão, talvez o mesmo que lia ha dois dias antes na escada, não sei.

— Venho encommodal-o, não? disse elle.

Fez um gesto duvidoso, e fiquei a olhar para elle como quem espera uma explicação.

— O morador da loja, continuou elle, disse-me hoje que o senhor é estudante. Talvez me possa explicar uma cousa. Sabe hebraico?

— Não.

— É pena! disse elle consternado.

Ficou alguns instantes silencioso a olhar para o livro e para o tecto. Depois fitou-me, e disse :

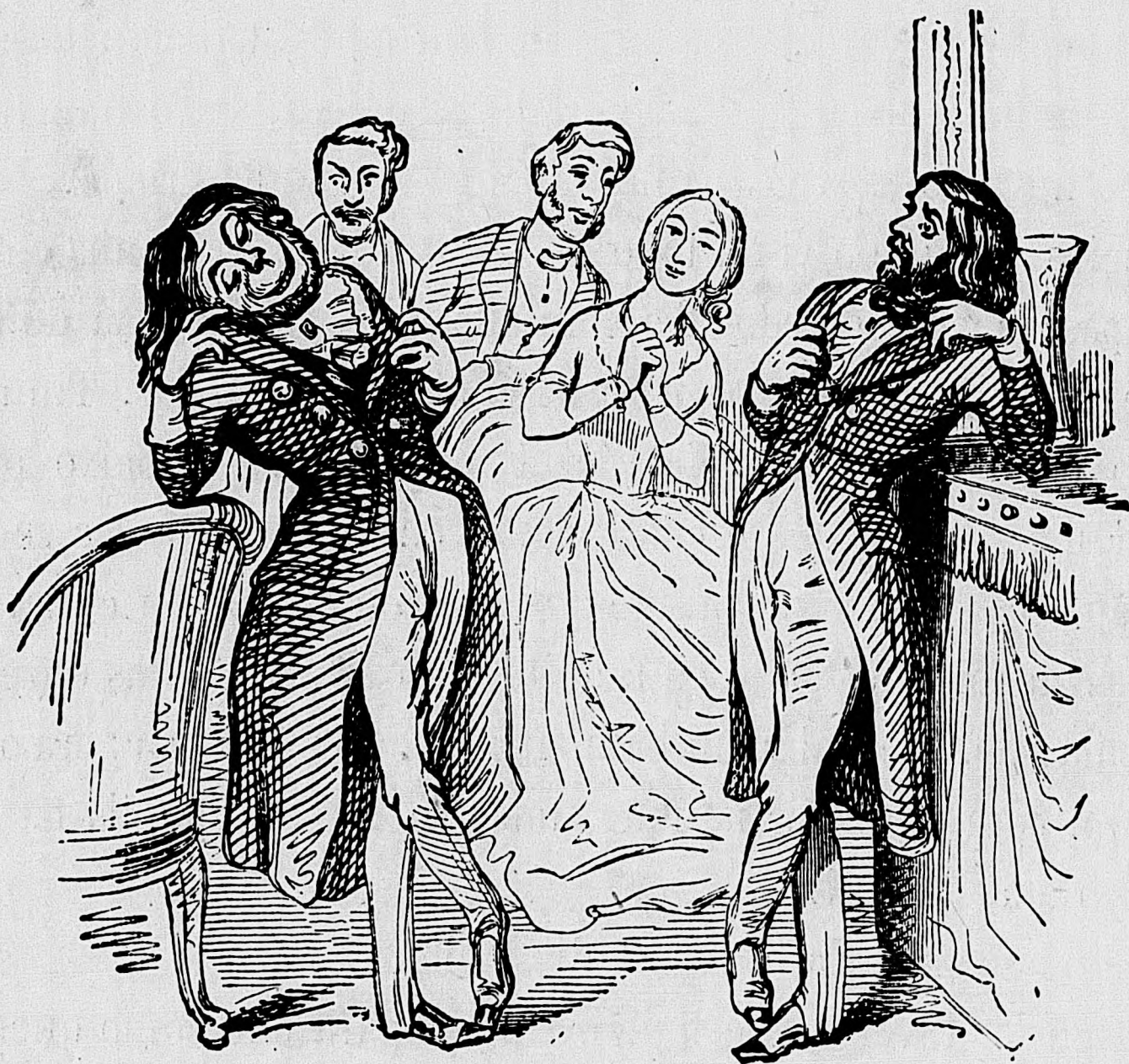
— Ando a ver se metto dente n'uma passagem de Jonas.

Dizendo istó, sentou-se abrindo o livro sobre os joelhos. Joelhos chamo eu, porque é esse o nome d'aquella região; mas o que elle tinha n'aquelle lugar das pernas eram dois verdadeiros pregos, tão magro estava. A cara angulosa e descarnada, os olhos cavos, o cabello hirsuto, as mãos pelludas e rugosas, tudo fazia d'elle um personagem fantastico. Esteve algum tempo ainda silencioso, até que continuou :

— Ha aqui um versiculo de Jonas, é o 11 do Cap. IV, em que leio :
« E então eu não perdoarei a grande cidade de Ninive, onde ha mais de cento e viute mil homens, que não sabem discernir entre a sua mão direita e a sua mão esquerda? Como entende o senhor este versiculo?

(Continuar-se-ha.)

MACHADO DE ASSIS.





SEM OLHOS.

F I M.



ntre, entre, meu amigo, disse elle; deixe-me chamar-lhe assim porque não tenho ninguém mais a quem dê esse doce nome.

— Está melhor?

— Estou; mas são melhoras passageiras.

— Não diga isso.

— São. Isto ha de acabar cedo; sabe o que é a morte?

— Imagino.

— Não sabe. A morte é um verme, de duas especies, conforme se introduz no corpo ou na alma. Mata em ambos os casos. Em mim não penetrou o corpo; o corpo geme porque a doença reflecte n'elle; mas o verme está na alma. N'ella é que eu o sinto a roer todos os dias.

— Pois matem os verme, disse eu, apresentando-lhe uma colher do remedio.

Damasceno olhou para o remedio e para mim e sorriu, com uma expressão de tranquillo scepticismo.

— Pobre moço! disse elle depois de alguns instantes de silencio.

— Vamos!

— Logo mais amanhã, ou depois que eu morrer. Talvez ainda possa fazer algum beneficio ao meu cadaver. A alma não bebe agua.

Insisti, mas foi baldado. Damasceno resistio intrepidamente. Quando as minhas instancias lhe pareceram excessivas começou a irritar-se, e eu, receioso de algum novo delirio, proveniente da exacerbação, cedi; fui ter com o criado que me referio haver Damasceno tomado apenas uma colher do remedio e um caldo. Voltei ao quarto, achei-o tranquillo.

A luz do quarto era pouca, e esta circumstancia, ligada ao espectaculo da doença e ás feições do pobre velho alienado não menos que ás recordações que ja me prendiam a elle, tornara a situação por extremo penosa. Sentei-me ao pé da cama e tomei-lhe o pulso; batia apressado; a testa estava quente. Elle deixou que eu fizesse todos esses exames sem dizer nada. Tinha os olhos no tecto e parecia alheio de todo á minha pessoa e á situação. Pouco depois chegou o medico, soube da resistencia do enfermo em continuar a tomar o remedio; examinou-o, fez um gesto de desanimo, e ao sahir disse-me que era homem perdido.

A perspectiva não era para mim agradavel. Não podia razoavelmente desemparal-o e tinha talvez de assistir á sua morte n'aquella noite. Chamei o criado e escrevi um bilhete a dois collegas de S. Paulo, residentes na Corte, pedindo-lhes que viessem passar a noite comigo. O criado sahio e eu sentei-me outra vez ao pé da cama.

No fim de alguns minutos, vi que Damasceno se agitava. Perguntei-lhe o que tinha.

— Nada, respondeu elle; mudo de posição. Que horas são?

— Nove e um quarto.

— O senhor pretende passar a noite comigo.

— Naturalmente.

O rosto do enfermo illuminou-se.

— Boa alma! exclamou elle.

Depois procurou a minha mão e teve-a presa entre as suas algum tempo, olhando para mim com uma expressão de agradecimento, que lhe parecia tornar bella a physionomia secca e dura.

— Que lhe fiz eu para merecer tanta dedicação? perguntou elle ao cabo de alguns minutos de silencio.

— Não fallemos d'isso.

Damasceno calou-se.

— Que idade tem?

— Vinte e dois annos.

— Feliz! feliz!

Calou-se outra vez e pareceu concentrar-se de novo. Pensei que iri dormir, mas elle voltou-se para mim dizendo.

— Quero pagar-lhe os seus beneficios.

— Pagará depois.

— Não; ha de ser já.

Ergueu o corpo, apoiando o cotovello na cama, pegou-me na mão e cravou em mim os olhos, accesos de uma luz repentina e unica.

— Mancebo, disse elle, com a voz cava; não olhe nunca para a mulher do seu proximo!

— Socegue, disse eu.

— Sobre tudo não obrigue a que ella olhe para o senhor. Comprará por esse preço a paz de sua vida toda.

A gravidade com que elle proferio estas palavras excluia toda a idéa de loucura. A propria physionomia parecia revelar o regresso da consciencia. Olhei para elle algum tempo sem responder, nem ousar pedir-lhe explicação. Damasceno fitou o ar com expressão melancolica, abanou a cabeça tres vezes e suspirou. Depois a cabeça cahio sobre o hombro, e elle ficou algum tempo quieto. Ouvindo o sino das dez horas, abriu os olhos e voltou-se para mim.

— Porque se não vae deitar?

— Não tenho somno.

— Perder uma noite por causa de um desconhecido!

— Não se preocupe comigo; descance, que é melhor.

Damasceno metteu a mão debaixo do travesseiro, como procurando alguma cousa. Era uma chave. Deu m'a.

— Abra-me a gavetinha da commoda, a do lado da rua.

— E depois?

— Tire de lá uma caixinha. Obedeci. A caixinha era de couro e teria um palmo de comprimento. Quando lh'a levei, elle pol-a sobre a cama e olhou mudo para ella. Depois, tocou em uma pequena mola; a caixa abriu-se, e elle tirou de dentro um pequeno maço de papeis.

— Se eu morrer, disse elle, queime isto.

— Feche tudo é melhor.

— Não é preciso. O que ahi está é um segredo, mas eu não quero morrer sem lh'o revelar. Não lhe disse ha pouco que não consentisse nunca em olhar ou ser olhado pela mulher de seu proximo? Pois bem; saberá o resto.

A curiosidade pendurou-se me dos olhos e, apesar da pouca luz da

alcova, é possível que elle reparasse n'isto, porque vi-o sorrir com uma expressão maliciosa e discreta.

— São papeis de familia, continuou Damasceno; cousas que só a mim interessam. Ha aqui porem uma cousa que o senhor pode ver desde já.

Dizendo isto, destacou do maço de papeis uma miniatura e deu-m'a pedindo que a visse. Aproximei-me da luz e vi uma formosa cabeça de mulher, e os mais expressivos olhos que jamais contemplei na minha vida. Ao restituir a miniatura reparei que elle a desviou apressadamente dos olhos mettendo-a logo, com a mão tremula, entre os papeis.

— Vio-a?

— Vi.

— Não me diga nada do que lhe parece. Imagino qual será a sua impressão. Calcule qual será a minha ha quinze annos, deante do original. Ella tinha vinte annos; eu vinte e cinco...

Damasceno interrompeu-se; arrependia-se talvez; e eu não ousava, em tal situação mostrar-me indiscreto e curioso. Elle entretanto atava o maço de papeis e a miniatura com um cadarço velho, e entregou-me todo.

— Guarde. Jura que queimará isso?

— Juro.

Guardei no bolso o maço em quanto elle, reclinando o corpo ficou tranquillo. Durante cinco minutos nada disse; começou a murmurar palavras sem sentido, com esgares proprios de louco. Esta circumstancia chamou-me á realidade. Não seriam os papeis e o retrato cousas sem valor, a que elle em seu desvario attribuia tamanha importancia? Damasceno fallou de novo.

— Guardou?

— Guardei.

— Deixe ver.

— Está aqui, disse-lhe em mostrando o embrulho.

— Está bem.

— E depois de uma pausa.

— Eu era moço, ella moça; ambos innocentes e puros. Sabe o que nos matou? Um olhar.

— Um olhar!

— Era no interior da Bahia; Lucinda casára-se na capital com o Dr. Adr... Não importa o nome; era medico como eu, mas rico e dado a estudos de botanica e mineralogia. Andava por Geromoabo n'aquelle tempo. Eu encontrei-o n'um engenho e travei relações com elle. A mulher era

linda como o senhor a vio ahi. Elle era sabio, taciturno e ciumento. Havia nella tanta modestia e recato, — talvez medo, — que o ciume d'elle podia dormir com as portas abertas. Mas não era assim; o marido era cauteloso e suspeito; ameaçava-a e fazia-a padecer. Eu percebi isso, e a compaixão apoderou-se de mim. A compaixão é um sentimento perfido; abstenha-se d'elle ou combata-o. Quem sabe se a que sente agora por mim não lhe dará máo resultado?

Estremeci ouvindo esta ultima palavra. Elle parou um instante e continuou :

— Lucinda não me olhava nunca. Era medo, era talvez uma intimação do marido. Se me fallava alguma vez era seccamente e por monosyllabos. Meu coração deixou-se ir da compaixão ao amor pelo mais natural dos declives, amor silencioso, cauto, sem esperança nem repercussão. Um dia, em que a vi mais triste que de costume, atrevi-me a perguntar-lhe se padecia. Não sei que tom havia em minha voz, o certo é que Lucinda estremeceu, e levantou os olhos para mim. Cruzáram-se com os meus, mas disseram n'esse unico minuto, — que digo? n'esse unico instante, toda a devastação de nossas almas; corando, ella abaixou os seus, gesto de modestia, que era a confirmação de seu crime; eu deixei-me estar a contemplal-a silenciosamente. No meio d'essa somnolencia moral em que nos achavamos, uma voz atroou e nos chamou á realidade da vida. Ao mesmo tempo achou-se defronte de nós a figura do marido. Nunca, vi mais terrivel expressão em rosto humano! A colera fazia d'elle uma Meduza. Lucinda cahio prostrada e sem sentidos. Eu, confuso, não me atrevia a explicar nem a pedir explicação. Elle olhou para mim e para ella. Succedera á primeira manifestação silenciosa da colera uma cousa mais apagada e mais terrivel, uma resolução fria e quieta. Com um gesto despedio-me; quiz fallar, elle impoz-me silencio com os olhos. Quasi a sahir, voltei, e, apesar da opposição, expuz-lhe toda a singularidade de seu procedimento. Ouvio-me calado. Vendo que nada alcançava e não querendo que sobre a infeliz pairasse a menor suspeita nem que ella padecesse sem outro motivo mais grave, expuz-lhe francamente os meus sentimentos em relação a elle e a ella, a affeição que Lucinda me inspirára, protestando com todas as forças pela inteira dignidade da infeliz. Rio-se, e não me disse nada. Despedi-me e sahi...

Estas recordações pareciam abater o enfermo. A voz, ao chegar áquella palavra, era fraca e rouca; elle fez uma longa pausa, cobrindo os olhos com as mãos oucas e transparentes. Alguns minutos depois continuou :

— Passáram-se algumas semanas. Um dia, levado por necessidades de

officio, fui a Geromoabo, pensando em Lucinda e um pouco receioso de algum successo desagradavel. Lucinda havia morrido; e a pessoa que me deu esta noticia benzeu-se supersticiosamente e não revelou mais nada, apesar de minhas instancias. Que teria havido? A idéa de que o marido a houvesse assassinado, apoderou-se de meu espirito; mas eu não ousava formular a pergunta. Indagando mais, ouvi de uns que ella commettera suicidio, de outros que desaparecera; emfim alguns criam que estava apenas doente e ás portas da morte. Esta diversidade de noticias eram claro indicio de que alguma cousa grave se passava ou estava passando. Fui ter á propriedade do marido, resolutos a saber tudo e a salvar a vida da innocente, se fosse possivel...

Damasceno, interrompeu-se de novo. Estava cansado e oppresso. Pedilhe que suspendesse por algum tempo a narração ou guardasse o fim para o dia seguinte, apesar da curiosidade que me picava interiormente. Ao mesmo tempo admirava a perfeita lucidez com que elle me referia aquellas cousas, a commoção da palavra, que nada tinha do vago e desalinhado da palavra dos loucos. Era aquelle mesmo o homem que me consultára acerca de Jonas e me exposera uma theoria nova acerca da lua? Em quanto, em meu espirito resolvia esta duvida, Damasceno agitava-se no leito, como buscando melhor commodo. A vela estava a extinguir-se, accendi outra e fui até á janella ancioso pelo criado e os dois amigos a quem escrevera. A rua estava deserta; apenas ao longe se ouvia o passo de um ou outro transeante. Voltei ao quarto. Damasceno estava então sentado na cama, um pouco reclinado sobre os travesseiros.

— Não tenha medo, disse elle, venha ouvir o resto, que é pouco, mas instructivo. Fui ter com o medico. Logo que soube que eu o procurára veio receber-me contente. Disse-lhe francamente o que ouvira dizer a respeito da mulher as opiniões e versões differentes, a necessidade que havia de instruir o povo da verdade e retirar de sobre elle alguma suspeita terrivel. Ouvio-me calado. Logo que acabei, disse-me que eu fizera bem em ir vel-o; que Lucinda estava viva, mas podia morrer no dia seguinte; que, depois de cogitar na punição que daria ao olhar da moça resolvera castigar-lhe simplesmente os olhos... Não entendi nada; tinha as pernas tremulas e o coração batia-me apressado. Não o acompanharia de certo, se elle apertando-me o pulso com a mão de ferro me não arrastasse até uma sala interior... Alli chegando... vi... oh! é horrivel! vi, sobre uma cama o corpo immovel de Lucinda, que gemia de modo a cortar o coração. Vê, disse elle, — só lhe castiguei os olhos. » O espectaculo que se me revelou então, nunca, oh! nunca mais o esquecerei! Os olhos da pobre

moça tinham desaparecido ; elle os vasára, na vespera com um ferro em braza... Recuei espavorido. O medico apertou-me os pulsos clamando com toda a raiva concentrada em seu coração : « Os olhos delinquiram, os olhos pagáram ! »

A cabeça do enfermo rolou sobre os travesseiros, em quanto eu, atterrado do que ouvia e da expressão de sincero horror e apparente veracidade com que elle fallava, olhei em volta de mim como procurando fugir. Damasceno ficou longo tempo arquejante.

De repente, dando um estremeção ergueu a cabeça e olhou para a parede que ficava do lado inferior da cama :

— Vai-te ! exclamou elle afflicto ; vai-te ! ainda não !... Olhe !... Olhe ! lá está ella ! lá está !... O dedo magro e tremulo apontava alguma cousa no ar, em quanto os olhos mortalmente fixos, resumiam todo o terror que é possivel conter a alma humana. Insensivelmente olhei para o lugar que elle indicava... Olhei ; e podem crer que ainda hoje não esqueci do que alli se passou. De pé, junto á parede, vi uma mulher livida, a mesma do retrato com os cabellos soltos, e os olhos !... Os olhos esses eram duas cavidades vazias e ensanguentadas.

Naquella meia luz da alcova, e no alto de uma casa sem gente, a semelhante hora, entre um louco e uma estranha apparição, confesso que senti esvair-se-me as forças e quasi a razão. Batia-me o queixo, as pernas tremiam-me tanto eu ficava gelado e atonito. Não sei o que se passou mais ; não posso dizer sequer que tempo durou aquillo, porque os olhos se me apagaram tambem, e perdi de todo os sentidos.

Quando dei accordo de mim, estava no meu quarto, deitado tendo a meu lado os dois amigos que mandára chamar. Ambos procuráram desviar-me do espirito a lembrança do que se passára no quarto de Damasceno ; precaução ociosa, porque nada me lembrava então e o abalo fóra tamanho que o passado como que desapareça. Passei uma noite cruel, entre a agitação e o abatimento. Sobre a madrugada dormi.

Accordei com sol alto. Pude então recordar a scena da vespera, e só a recordação me fazia tiritar e gelar a alma. Quiz ir ver o doente porque a pesar dos successos anteriores interessava-me o pobre velho condemnado a uma triste visão perpetua.

— É tarde ! disseram me.

— Porque ?

— O doente morreu.

Senti que uma gota me brotava dos olhos ; foi a unica lagrima que elle obteve dos homens.

Meus collegas referiram-me que a morte succedera ao romper da manhã estando presente um d'elles e o criado. Damasceno morreu a fallar das mais encontradas cousas, de guerras, de meteoros e de S. Thomaz de Aquino. Seu ultimo gesto foi para abraçar o sol, que dizia estar deante d'elle. Morreu emfim ou antes restituiu-se á eternidade segundo a expressão do meu collega a cujos olhos o doente parecera esqueleto que visitára por algum tempo a terra.

Não pude assistir ao enterro; estava abatido, e doente; mas um dos meus amigos foi até o cemiterio. Com um d'elles fui dormir aquella e as noites seguintes, não podendo passal-as debaixo de mesmo tecto em que se dera a terrivel appareição. A justiça arrecadou o que pertencia a Damasceno Rodrigues; elle vivia do aluguel de duas casinhas e de algumas apolices, que se lhe encontráram. Não tinha herdeiros.

Só muitos dias depois atrevi-me a ver de novo o retrato de mulher que elle me dera. Ainda assim não foi sem terror, e arrependi-me de o ter feito, porque toda a scena se me reproduzio logo ante os olhos. Era miraculosamente bella a martyr de Geromoabo; eu comprehendia, não só a loucura de Damasceno, mas tambem a ferocidade do esposo.

O desembargador fez pausa, no meio do geral silencio de constrangimento que sua narração produzira. Vasconcellos foi o primeiro que fallou:

— Não podemos duvidar que o senhor visse a figura d'essa mulher, disse elle; mas como explicar o phenomeno?

— A difficuldade é maior do que pensa, acudio, o desembargador. O episodio teve um epilogo.

— Ah!

— Quando referi a appareição a algumas pessoas, ninguem me deu credito; e os mais polidos attribuiam o caso a um pesadelo. Evitei expôr me á incredulidade e ao ridiculo. Mais tarde, já senhor de mim, determinei contar a catastrophe de Damasceno em um jornal que escreviamos na Academia. Tratando de colher alguma cousa mais acerca do infeliz, vim a saber, com grande surpresa minha, que elle nunca estivera na Bahia, nem sahira do sul. Já então não era só o interesse litterario que me inspirava; era a liquidação de um ponto obscuro e a explicação de um phenomeno. Casára aos vinte e dois annos em Santa Catharina, donde só sahio aos trinta e tres, não podendo, portanto, encontrar-se com o original do retrato, aos vinte e cinco, solteiro, em Geromoabo; finalmente, a miniatura que me confiára era simplesmente o retrato de uma sobrinha sua, morta solteira. Não havia duvida; o episodio que elle me referira era

uma illusão como a da lua, uma pura illusão dos sentidos uma simples invenção de alienado.

— Mas, sendo assim...

— Sendo assim, como vi eu a mulher sem olhos? Esta foi a pergunta que fiz a mim mesmo. Que a vi, é certo, tão claramente como os estou vendo agora. Os mestres da sciencia, os observadores da natureza humana lhe explicarão isso. Como é que Pascal via um abysmo ao pé de si? Como é que Bruto vio um dia a sombra de seu máo genio?

— O seu caso é talvez mais simples que esses todos; o desvario do doente foi contagioso, e fez com que o senhor visse o que elle suppunha ver.

— Pois é pena! exclamou o desembargador; a historia de Lucinda era melhor que fosse verdadeira. Que outro rival Othello ha ali com esse marido que queimou com um ferro em braza os mais bellos olhos do mundo, em castigo de haverem fitado outros olhos estranhos? Crê agora em fantasmas, D. Maria do Céu?

Maria do Céu tinha seus olhos baixos. Quando o desembargador lhe dirigio a palavra, estremeceu, ergueu-se, e a junto e de corrida se encaminhou para o bacharel Antunes. O bacharel fez o mesmo; mas foi d'alli a uma janella, — talvez tomar ar, — talvez reflectir a tempo no risco de vir a interpretar algum dia um hebraismo das Escripturas.

MACHADO DE ASSIS.

